

# Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 15 – Julho - Setembro de 2001

---

## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	3
GANSOS SELVAGENS ( <i>Trechos</i> ).....	9
Mori Ôgai	
<i>Tradução: Samara Leonel Wild</i>	
KESSA E MORITÔ.....	21
Akutagawa Ryunosuke	
<i>Tradução: Ricardo da Silva Machado e Meiko Shimon</i>	
TANGERINAS.....	29
Akutagawa Ryûnosuke	
<i>Tradução: Ernei Ribeiro</i>	
A ESTRELA DO FALCÃO NOTURNO.....	33
Miyazawa Kenji	
<i>Tradução: Tomoko Kimura Gaudioso</i>	
FRÁGIL RECIPIENTE.....	39
Kawabata Yasunari	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
GAFANHOTO E SUZUMUSHI.....	41
Kawabata Yasunari	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
UMA MOEDA DE PRATA DE CINQUÊTA SENS.....	45
Kawabata Yasunari	
<i>Tradução: Patrícia de Negreiros Philippsen</i>	
A DANÇARINA DE IZU ( <i>Trechos</i> ).....	51
Kawabata Yasunari	
<i>Tradução: Gizelda Ribeiro da Silva</i>	
POEMAS DE NAKAHARA CHÛYA.....	61
Canção de uma tarde de verão.....	61
<i>Tradução: Ricardo Barata Martins</i>	
Praia ao luar.....	62
<i>Tradução: André Luis Aguiar</i>	
Uma adolescência.....	63
<i>Tradução: Kazue Imasato</i>	
Fantasia.....	64
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	



# Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

---

Diretora: Prof<sup>a</sup>. Sara Viola Rodrigues

Vice-Diretora: Prof<sup>a</sup>. Gilda Neves da Silva Bittencourt

## COMISSÃO EDITORIAL

Prof<sup>a</sup>. Éda Heloisa Pilla

Prof<sup>a</sup>. Lúcia Sá Rebello

Prof<sup>a</sup>. Maria Lúcia Machado de Lorenci

Organizadora deste número: Prof<sup>a</sup>. Meiko Shimon

Revisão deste numero: Edson Acir Cardoso da Rosa

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: [iletras@vortex.ufrgs.br](mailto:iletras@vortex.ufrgs.br)

# Apresentação

É com muita satisfação que aceitamos o convite da Direção do Instituto de Letras para organizar mais um número dos *Cadernos de Tradução* com os autores japoneses em tão breve espaço de tempo, visto que o volume 7 dos Cadernos, trazendo os contos de Kawabata Yasunari, foi lançado em setembro de 1999. Na oportunidade em que o Instituto de Letras da UFRGS está sediando o XII Encontro Nacional de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e II Encontro Nacional de Estudos Japoneses, em agosto-setembro do corrente, o lançamento deste volume, que reúne alguns dos mais importantes autores modernos de língua japonesa, vem ao encontro do principal objetivo deste evento, qual seja oferecer amplo espaço para divulgação e debates sobre os assuntos relacionados com Língua, Literatura e Cultura Japonesas.

Nesta nova coletânea, reunimos as obras de cinco escritores, sendo um deles poeta, o que, de certa forma, pode ser considerada uma pequena amostragem da literatura moderna japonesa. O período contemplado abrange da década de 1910 até o final da II Grande Guerra, ou seja, de acordo com o calendário japonês, a era Taishô (1912 – 1926: reinado do Imperador Taishô) e parte da era Showa (1926 – 1989: reinado do Imperador Shôwa).

Decorrido cerca de meio século desde a abertura dos portos para o Ocidente e tendo saído vitorioso nos conflitos bélicos contra a China (1894–1895) e a Rússia (1904-1905), o Japão seguia pelo caminho da modernização. A era Taishô foi um período de relativa paz e de liberdade, proporcionadas pelo clima de aparente prosperidade econômica, porém, as desigualdades sociais cada vez mais acentuadas entre as camadas favorecidas e a dos trabalhadores resultaram no descontentamento destes últimos. A ideologia marxista, que se propagou rapidamente entre os trabalhadores e intelectuais, e o grande terremoto que devastou a região de Tóquio-Yokoyama, em 1923, modificaram profundamente os valores que norteavam o comportamento do povo Japonês. A partir de meados dos anos 30, com o estabelecimento do governo militar, o Japão foi levado aos sucessivos conflitos bélicos até o término da II Grande Guerra.

No início do século XX, a Literatura Japonesa havia assimilado a essência das teorias literárias ocidentais e a questão da unificação da língua falada e da escrita já havia sido resolvida com o estabelecimento de uma linguagem semelhante àquela que é praticada até a atualidade. A corrente literária predominante na época era o Naturalismo japonês, que tinha como

ideal literário a narrativa introspectiva inspirada na vivência particular do autor, tornando público seus conflitos internos meticulosamente analisados. Tal tipo de criação literária contribuiu enormemente para a libertação dos fortes laços da tradição, cujos valores estavam ainda fortemente ligados aos rígidos conceitos moralistas do passado, mas tornava a literatura uma matéria séria e distanciada do leitor comum. Surgiram, então, nos anos 20, os movimentos contrários ao Naturalismo – entre os quais os proletários e os modernistas - liderados por jovens que pretendiam revitalizar a literatura japonesa, enriquecendo-a de cores e paixões. Esses movimentos, inclusive o próprio Naturalismo, foram frustrados parte devido à repressão das autoridades, que viram na literatura, associada às ideologias sociais, uma ameaça à estabilidade do seu governo, e parte à falta de embasamento teórico de suas próprias ideologias. As rigorosas censuras do governo militar sobre as publicações fizeram com que muitos escritores deixassem de produzir, ou pelo menos publicar, durante muitos anos, até o final da II Guerra.

A era Taishô por ser um período curto não chega a formar uma literatura característica, pois muitos escritores que iniciaram a carreira literária no século anterior e ganharam uma sólida posição no mundo literário japonês continuavam com sua criação já em seu estilo amadurecido, a exemplo de Mori Ôgai. É nessa época, também, que os jovens escritores como Kawabata Yasunari, Miyazawa Kenji e o poeta Nakahara Chûya, engajados ou não aos movimentos literários, estavam ingressando no mundo da criação literária.

**Mori Ôgai** (1862–1922): Um dos grandes mestres da literatura japonesa de todos os tempos. Desde criança recebeu uma educação privilegiada, tendo estudado holandês e alemão. Em 1881, graduou-se médico na Universidade Imperial de Tóquio, entrando para as forças armadas como oficial-médico. Enviado para Alemanha, em 1884, permaneceu por 4 anos. Ôgai dedicou-se à literatura européia, paralelamente ao estudo da moderna tecnologia médica, e contribuiu enormemente para a modernização da literatura japonesa ao introduzir nesta os estudos de teorias literárias européias. Sua primeira obra de ficção, *Maihime* (*A bailarina*, 1890), aclamada como o marco da literatura moderna japonesa, é baseada na própria experiência amorosa com uma bailarina que conheceu em Berlim. Enquanto seguia a carreira de médico do exército, no qual alcançou posto de alto comando, desenvolvia intensa atividade criativa. Permaneceu alheio ao movimento naturalista, estabelecendo um estilo narrativo de linha racionalista que

coaduna com sua formação de médico-militar, complementado com seu conhecimento da língua chinesa e, sobretudo, de literatura clássica japonesa. O romance *Gan (Os gansos selvagens, 1911)*, como outras criações desta época, revela a ansiedade de pessoas comuns em busca de razões para viver com dignidade, embora, de certa forma, marginalizadas em uma sociedade em processo de acentuada transformação.

Como aconteceu com muitos intelectuais contemporâneos, a morte do Imperador Meiji exerceu profundo impacto em Ôgai que, a partir de então, buscou temas no passado, abordando as questões universais inerentes à própria natureza humana. No *Gan* – parcialmente traduzido aqui – o tênue sentimento de amor que floresceu entre Otama, concubina de um comerciante, e o jovem estudante Okada, faz com que ela desperte consciência-de-si mesma como mulher e ser humano, embora esse amor jamais venha a ser concretizado.

A tradução apresentada nesta coletânea está baseada, inicialmente, na versão em inglês e, posteriormente, submetida à revisão minuciosa em confronto com o original em japonês.

**Akutagawa Ryûnosuke (1892–1927):** Nasceu e cresceu em Tóquio. É o único escritor, cujo período criativo compreende toda a era Taishô na história da literatura moderna japonesa, embora seu estilo fosse totalmente diferente da corrente predominante. Desde seus primeiros contos, *Hana (O nariz, 1916)* e *Rashomon (Rashômon, 1915)*, o seu estilo refinado e a postura irônica perante os dramas humanos despertam no leitor a viva sensação de se deparar com uma literatura da elite moderna. Ryûnosuke ateu-se somente aos contos, buscando temas variados, desde histórias e lendas do Oriente e Ocidente até os episódios da sua época. Sua obra trata de temas universais que ultrapassam as fronteiras da nação ou da época, razão pela qual até hoje, e cada vez mais, continua cativando os leitores japoneses e estrangeiros.

*Kessa e Moritô* é um conto inspirado em um episódio narrado, de forma muito breve, em uma obra clássica do século XIII, que conta a paixão entre a bela Kessa e o bravo, mas intempestivo, Moritô. O amor impossível da mulher casada com o jovem guerreiro é recontado por Akutagawa, escritor classificado de satanista, de forma pouco lisonjeira quanto à natureza humana. O mesmo episódio originou o belo filme de Teinosake Kinagasa, *Jigoku-mon (O portal do inferno)* no qual o trágico amor de Kessa, que a leva ao supremo sacrifício, desperta Moritô para a vida dedicada à fé. Na vida real, Moritô chegou a ser sumo-sacerdote

budista de virtudes reconhecidas. “Tangerinas” é mais uma crônica do que uma ficção. Ao presenciar uma cena que testemunha a força do amor que une pequenos irmãos da classe humilde, o coração do homem moderno, insensibilizado e alienado pela soberba e aborrecimentos da vida entediante, ganha momento de reconciliação consigo mesmo.

**Miyazawa Kenji** (1896–1933): Durante muito tempo foi apenas um escritor e poeta que deixara as histórias infanto-juvenis. Sua grandeza e singularidade ainda não estão totalmente avaliadas. Se há alguém que viveu muito adiantado para sua época, este foi Kenji. Decorridos 100 anos de seu nascimento, não apenas a crítica literária, mas estudiosos de diversas áreas humanísticas, sobretudo da antropologia, vêm aprofundando pesquisas sobre o imenso universo de sua obra e extraordinária personalidade. Nasceu e viveu em Hanamaki, na Província de Iwate, onde se formou em uma escola agrícola e, ainda adolescente, tornou-se adepto fervoroso da seita budista Nichiren. Aos 19 anos, começou escrever, mas suas obras, todas infanto-juvenis, não ganharam nenhuma atenção do meio literário. Humanista, idealista, vegetariano e ecologista, quando os conceitos desta última palavra nem eram conhecidos, abriu mão de poucos bens, vivendo quase na penúria; dedicou-se de corpo e alma à melhoria das condições de vida da população da sua região. Contudo, por ser de uma família tradicional já em declínio numa região agrícola pobre devido principalmente ao clima adverso, era hostilizado e considerado um excêntrico.

Escrito com profundo amor pela humanidade para ser “seu verdadeiro alimento transparente” o mundo imaginário de Kenji não é um mundo encantado de magia e sonhos inocentes, mas habitado por homens e animais que carregam o seu fardo de solidão e de conflitos internos. No entanto, através do supremo sacrifício de sua personagem, uma luz de esperança aponta para a direção que a humanidade deveria seguir. Kenji que deixou como obra póstuma a mais longa das suas narrativas “Ginga Tetsudô no yoru” (*Uma noite no Trem da Via-Láctea*); adiantando em muitas décadas as viagens espaciais, possuía as dimensões cósmicas já em obras da fase inicial. “A estrela do falcão noturno” pode ser considerada autobiográfica: como o falcão noturno, Kenji alcançou, finalmente, a eternidade entre os grandes nomes da Literatura Japonesa.

**Kawabata Yasunari** (1899–1972): O número 7 dos Cadernos de Tradução foi dedicado aos 100 anos de Kawabata, reunindo 10 contos breves

denominados *Contos que Cabem na Palma da Mão*. Neste número, incluímos mais três destes contos e os primeiros capítulos de seu renomado romance *A dançarina de Izu (Izu no odoriko, 1926)*. Esta obra aborda a história de um estudante que, com problemas de relacionamento com as pessoas, viaja pela península de Izu, vindo a conhecer um grupo de artistas ambulantes os quais decide acompanhar; no grupo há uma pequena dançarina que lhe desperta o amor. Baseado na experiência vivida aos 19 anos, Kawabata escreveu este romance que se tornou clássico na literatura moderna japonesa. No conto “Fragil recipiente” (“Yowaki utsuwa”, 1924) o autor usa o sonho como recurso para revelar sua angústia e a sua inconformidade devido a um amor frustrado. “Gafanhoto e suzumushi” (“Batta to suzumushi”, 1924) é um conto que apresenta um mundo de fantasia que só existe no universo infantil, mundo este que se perde de modo irrecuperável quando deixamos de ser crianças. Aclamado como “a bela poesia feita prosa”, a tradução de “Gafanhoto e suzumushi”, apresentada aqui, é apenas uma tentativa de passar para o português esta história. Aparentemente uma descrição de episódios do cotidiano, “Uma moeda de prata de 50 sens” nos mostra a inconstância da vida que afeta o destino de todos, até mesmo uma garota singela como Yoshiko. No meio de toda violenta transformação que modificou o destino de uma nação, o pequeno objeto de vidro continua irradiando a sua luz.

**Nakahara Chûya (1907-1937):** Chûya nasceu na Província de Yamaguchi, Japão. Desde cedo, desejou ser poeta, tendo publicado seus primeiros poemas em estilo dadaísta. Formou-se em Língua Francesa, pela Universidade de Línguas Estrangeiras de Tóquio. Em 1934, publicou sua primeira coletânea de poemas *Yagi no uta* (Canções de uma cabra), em que se percebem influências de Rimbaud e Verlaine, que já anuncia o seu próprio estilo, de um lirismo aparentemente clássico, imbuído de uma sensação melancólica e niilista. Chûya inspirava-se em pequenos acontecimentos do dia-a-dia, sublimando-os à beleza da fantasia que oculta as angústias de jovens da sua época. Morreu de meningite antes de completar 30 anos. Os poemas traduzidos aqui são da sua segunda coletânea, *Arishi hi no uta* (Canções de outrora), organizada, postumamente, em 1938.

Para finalizar, gostaríamos de registrar o nosso agradecimento à Profa. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira, ex-Diretora do Instituto de Letras, que nos convidou para organização deste número. Agradecemos, também, aos colegas e alunos do Setor de Japonês pela colaboração e

empenho e, em especial, à família de Kawabata Yasunari que nos concedeu, mais uma vez, a permissão para a publicação de suas obras.

Meiko Shimon  
Organizadora  
Coordenadora da equipe de tradução